



Por MELRY RUTE ARRUDA BARBOSA

CAMPINA GRANDE – PB, 2014

**MELRY RUTE ARRUDA BARBOSA**

**“RETRATO ESCRITO” DE UM POETA: A RECEPTIVIDADE VIRTU-  
AL DA POESIA DE JOSÉ VALDECY NABUDE**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

**Campina Grande-PB, 2014**

B239r Barbosa, Melry Rute Arruda  
"Retrato escrito" de um poeta [manuscrito] : a receptividade  
virtual da poesia / Melry Rute Arruda Barbosa. - 2014.  
37 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de  
Letras".

1. Literatura Brasileira 2. Cânone Literário 3. Composição  
Literária 4. Leitor 5. Internet I. Título.

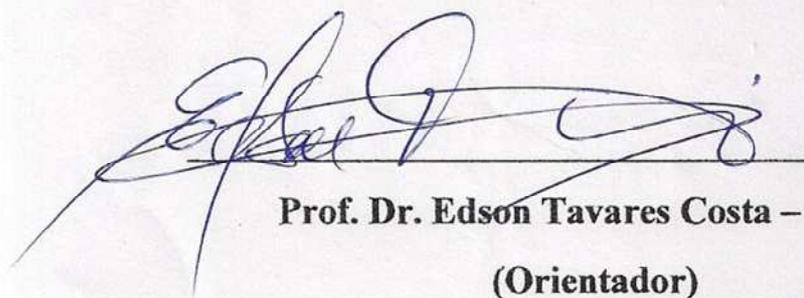
21. ed. CDD 808

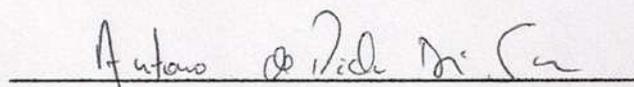
MELRY RUTE ARRUDA BARBOSA

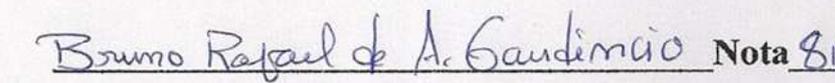
RETRATO ESCRITO DE UM POETA: A RECEPTIVIDADE VIRTUAL  
DA POESIA DE JOSÉ VALDECY NABUDE

Aprovada em: 03 de 12 de 14

BANCA EXAMINADORA

 Nota 8,0  
Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB  
(Orientador)

 Nota 8,0  
Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva – UEPB  
(Avaliador)

 Nota 8,0  
Prof. Ms. Bruno Rafael Albuquerque Gaudêncio – UEPB  
(Avaliador)

Média 8,0

A **Edson Tavares** – o grande “eu *SOU*”; aquele de caráter sóbrio, sensato e tranquilo, mas que inquieta multidões com palavras inacabadas na garganta. Que contribuiu muito para a minha formação e com quem iniciei a empreitada acadêmica rastreando a produção literária de escritores nordestinos que se acham silenciados por razões as mais distintas;

A **José Valdecy Nabude** – Professor, psicólogo, ator e um ilustríssimo escritor, este que faz qualquer palco da vida, a qualquer momento, ser um grande espetáculo. Sua história e alguns poemas compõem este trabalho;

A **José Mário da Silva** – a quem tenho muita admiração, pelas frutíferas conversas acadêmicas, que encaminharam bem a minha pesquisa;

A **Alexsandro Nascimento da Silva** – a melhor parte de mim; Sou grata por todo caminho trilhado ao seu lado, pelo cuidado comigo, por me apoiar e me orientar em minhas decisões; Ainda que o destino tenda a traçar caminhos distintos nunca mediu esforços para esta ao meu lado.

A **Lusia Arruda e Josefa Arruda** – as mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe e minha avó, mulheres virtuosas que excedem o valor de um tesouro. Encontra-se escrito na Bíblia Sagrada, em Provérbios 31:10 “- Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias”. Não tenho palavras para agradecer todo o carinho, esforço, cuidados, disponibilidade que tiveram comigo; mesmo em meio às pedras no caminho, sempre souberam me auxiliar nas escolhas e caminhos feitos por mim;

**DEDICO...**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido o dom da vida, por ser presença onipotente, onisciente e onipresente em minha caminhada acadêmica, e por ter me dado o privilégio de conhecer várias pessoas, que, de alguma forma, constituíram um pedacinho do que sou hoje, pessoas a quem ressalto reconhecimento, que comungaram das dificuldades e dos fragmentos de conquistas durante a travessia da pesquisa, estas que tive o privilégio de com elas conviver, nas mais diversas fases da minha vida. Cada uma agindo segundo seu jeito, enfrentando todos os “trancos” e “barrancos”, dignas de admiração, contribuíram para realização desse sonho, para que neste momento findasse essa etapa tão significativa para mim. Desde já, peço perdão se ocorrer o risco de não citar alguém.

Apresento meus agradecimentos, nominalmente, a:

- ✓ **Antônio de Pádua Dias** – uma figura espetacular, exemplo de profissional, orientador, professor, escritor e grande amigo. Sou grata por termos estreitado nossa relação na UEPB, desde o segundo semestre, por ter me feito *engolir* livros despertando-me o gosto pela leitura e escrita, e pelos momentos de nostalgia através das discussões em sala de aula;
- ✓ **Ederivaldo Arruda Silva** – pelo apoio e interesse na minha carreira profissional;
- ✓ **Emanuel Missias Firmino** – um grande amigo, sobre o qual me faltam palavras para expressar o mais lindo sentimento que carrego por ele; desde quando nos conhecemos, sempre esteve ao meu lado, vivendo comigo as várias fases de minha vida, me fazendo muito bem.
- ✓ **Eunira Arruda** – pelos vários conselhos, embora nem todos seguidos;
- ✓ **Ícaro Arcênio de Alencar Rodrigues** – um amigo de há pouco tempo, mas que me conhece como se fosse desde criança, e tem me suportado com todas as minhas loucuras, da maneira mais terna, apresentando sua adoração a Deus;
- ✓ **Jéssica Nascimento** – pelas agradabilíssimas conversas que tivemos, dentro do ônibus de estudantes, conversas que me auxiliaram muito na pesquisa;
- ✓ **José Henrique Silva** – pelo incentivo e interesse constantes;
- ✓ **Karol Guedes** – pelas “dicas” de como aperfeiçoar o trabalho;

- ✓ **Linduarte Rodrigues** – pelos bons momentos de troca de informações, sempre fornecendo uma vasta biblioteca, que auxiliaram os meus estudos;
- ✓ **Luciano Barbosa Justino** – pelo interesse em conversar sobre autores nordestinos;
- ✓ **Lucineide Pereira** – por sempre estar à disposição, atendendo com muita gentileza;
- ✓ **Marina Oliveira** – pela personalidade forte e decidida, sendo uma dessas flores do semi-árido: fortes, resistentes, que bebem do mais profundo da terra e guardam a água em suas pétalas, me ensinando a ser uma pessoa melhor;
- ✓ **Patrícia Silva** – pelo companheirismo e pela força;
- ✓ **Ranieri Mello** – um ser maravilhoso que sempre se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário;
- ✓ **Renalle Rodrigues** - pelas preciosas colaborações, além de sempre levantar o meu astral com suas loucuras;
- ✓ **Senhora Lindalva e Senhor Pedro** – exemplo de casal que me fizeram crescer reconhecendo os valores éticos da sociedade;
- ✓ **Tamires Farias** – grande amiga que me acompanhou e me auxiliou durante toda a apresentação desse trabalho.
- ✓ **Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)** – aos funcionários que, com amizade e diálogo, souberam atender aos apelos e solicitações;

### **AGRADECIMENTO MUITO ESPECIAL**

A minha gratidão a minha família, que, no seu amor, me conceberam, e, com dedicação, acompanharam a minha educação; por eles que fiz e faço tudo que acho certo e justo:

- ✓ **José Marcos Mendes Barbosa;**
- ✓ **Lusia Arruda Silva Barbosa;**
- ✓ **Jônatas Arruda Barbosa;**
- ✓ **LindêMBERG Arruda Barbosa;**
- ✓ **Josefa Arruda Silva Neta (Meirelly);**

Sempre compartilharam os meus medos, minhas perdas, tornando-nos mais valentes,

sábios e enriquecendo-nos através da união. Lembrando Fernando Pessoa: “tudo é ousado a quem nada se atreve”; como é bom recordar de todos os obstáculos superados durante essa trajetória, momentos difíceis por que passamos, mas que tinham que existir, para que, no final de cada batalha, o gosto da vitória fosse mais saboroso.

**“Fui pego publicamente praticando bigamia, casei-me com a psicologia e vivo um caso de amor com a poesia.”**

**Nabude**

## RESUMO

Observando o cânone literário brasileiro podemos perceber que em sua composição há um número restrito de escritores, ficando de fora muitos, cujas obras não são valorizadas com o mérito que de fato possuem, fazendo com que estes fiquem na penumbra, ou seja, que suas obras fiquem escondidas, limitadas a um número mínimo de leitores e praticamente desconhecidas. A leitura é uma atividade de construção de sentido, que implica a relação dinâmica entre autor e leitor, variando de acordo com a posição histórica e envolvimento do leitor e da sua capacidade de dialogar com o texto, e, dessa forma, na interpretação de uma obra, existe a possibilidade de emergir novos significados. Entretanto, alguns autores conseguem vencer essas sombras e se projetar visualmente, principalmente com o advento da *internet*, multiplicando praticamente à infinitude as possibilidades de visualização pelo público leitor. Temos por objetivo principal, neste trabalho, refletir sobre o fenômeno *internético* como espaço de visibilização de escritores antes não lidos, tendo como referencial de estudo o poeta José Valdecy Nabude. Com este intuito embasamos nosso estudo nas teorias de Darnton (2010), Bourdieu (1996), Chartier (1999), Jauss (1999), entre outros, enfatizando a ideia de que o leitor interfere na construção do autor, suscitando as relações dialéticas entre autor/ texto/ leitor/ contexto, sendo estas relações que favorecem a questionamentos, como: de que forma os leitores recebem o texto? Como o leitor divulga esse texto? Prescritaremos essas relações entre autor e leitor, através da leitura de / considerações breves sobre poemas de Nabude, publicados na rede social, e o retorno imediato de seus leitores, com postagens. Tentaremos entender como a construção do sentido vai além da decodificação dos signos linguísticos, está ligada à abstração que os sujeitos atrelam ao seu modo de perceber o mundo à sua volta, de como ele recebe o texto, sendo nesse sentido que ocorre a mudança de estado de um sujeito em relação ao produto. Esperamos identificar tal construção de sentido a partir das postagens nas redes sociais, que, apesar de não se embasarem teoricamente, resumirem-se a manifestações emotivas, podem denunciar o impacto causado pelo poema no leitor comum. Através da possibilidade de emergir um novo significado para o texto, dependendo da posição histórica e envolvimento do leitor, da sua capacidade de dialogar com o texto e da concepção que o indivíduo cria da realidade, é que o sentido pode, enfim, se configurar no leitor imediato.

**Palavras-chave:** Construção do autor. Cânone literário. Leitor. Redes sociais.

## ABSTRACT

Observing the Brazilian literary canon we can see that in its composition there is a limited number of writers, missing many, whose works are not valued by the fact that merit have, making them stay in the shadows, that is, that their works are hidden, limited to a minimum number of players and virtually unknown. Reading is a sense of construction activity, which involves the dynamic relationship between author and reader, varying according to the historical position and involvement of the reader and its ability to dialogue with the text, and thus, in interpreting a work, there is the possibility of emerging new meanings. However, some authors manage to overcome these shadows and visually design, especially with the advent of the Internet, multiplying almost to infinity the display options of the reading public. We have the main objective of this study was to reflect on the phenomenon as Internet-visualization space of writers before unread, with the study of the poet José reference Valdecy Nabude. To this end embasamos our study the theories of Darnton (2010), Bourdieu (1996), Chartier (1999), Jauss (1999), among others, emphasizing the idea that the player interferes with the construction of the author, raising the dialectical relationship between author / text / reader / context, and these relations favoring questions such as: how readers receive text? As the reader discloses this text? Prescrutaremos eswsas relations between author and reader, by reading / briefly consider Nabude of poems, published in the social network, and the immediate return of their readers with posts. We will try to understand how the construction of meaning goes beyond the decoding of linguistic signs, is linked to the abstraction that subjects atrelam the way you perceive the world around him, how he gets the text, and in this sense that the state change occurs of a subject in relation to the product. Hope to identify such construction of meaning from the posts on social networks, which, although not to stand upon theoretically summarize to emotional manifestations, may terminate impact of the poem in general reader. The possibility of the emergence of a new meaning to the text, depending on the historical position and involvement of the player, their ability to dialogue with the text and the design that the individual creates the reality is that the meaning can at last be set up in immediate player.

**Keywords:** Construction of the author. Literary canon. Player. Social networks.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Poema escrito para José Valdecy Nabude Santos, por Walter Mendonça ....	19
Figura 2 – Poema de José Valdecy Nabude Santos “Retrato Escrito” .....	20
Figura 3 - Peça teatral “Quem sabe ele vem”; Valdecy e Álvaro Fernandes .....	21
Figura 4 - Programa de rádio “Arte em Destaque”, entrevistando o radialista, teatrólogo e diretor Wilson Moux .....	22
Figura 5 - Poema <i>É noite de cão e gato no cio</i> .....	24
Figura 6 - Poema <i>Nômade</i> .....	25
Figura 7 – Poema <i>Deserto</i> .....	26
Figura 8 – Poema <i>Às vezes não convém</i> .....	28
Figura 9 – Poema <i>Vazio existencial se preenche</i> .....	30
Figura 10 – Poema <i>Meu verso</i> .....	30
Figura 11 – Mensagem de Nabude .....	36

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
A leitura e a obra .....	13
CAPÍTULO I - CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO TEXTUAL .....	15
A reação do leitor à obra .....	16
CAPÍTULO II - JOSÉ VALDECY NABUDE SANTOS: BREVE PERFIL .....	19
Lendo Nabude .....	24
CAPÍTULO III – A RECEPTIVIDADE VIRTUAL DOS POEMAS DE NABUDE ...	28
Circulação da poesia .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendemos refletir sobre as dificuldades de visibilização de escritores, e a saída que alguns encontram, de ver sua obra lida e compartilhada por um número maior de leitores, através das redes sociais e dos sites da *internet*. Inicialmente, buscaremos explicações para o retraimento público de autores e as razões desse fenômeno. Temos, basicamente, três objetivos:

a) Apresentar uma síntese razoavelmente atualizada do conhecimento disponível sobre os intermediários esquecidos da literatura, sobre o que Darnton (2010, p. 148) diz que só é possível uma nova história da literatura através da suscitação de novas problemáticas e novas abordagens, considerando a interação dos níveis políticos, econômicos, sociais, de modo a incluir algumas figuras como: trapeiro, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros e até leitores - este é o principal personagem abordado aqui.

b) Discutir a ideia de que a leitura varia com o leitor, e que, na interpretação de uma obra, existe a possibilidade de emergir um novo significado para o texto, dependendo da posição histórica e envolvimento do leitor e da sua capacidade de dialogar com o texto, pois como afirma Pêcheux (*apud* FERNANDES, 2007, p. 22), o sentido de uma palavra não existe nela própria, mas “é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

c) Abordar os conceitos de texto e contexto, tendo como referencial teórico Darnton (2010), Bourdieu (1996), Chartier (1999), Jauss (1999), entre outros, enfatizando-se a ideia de que o leitor interfere na construção do autor, estabelecendo-se as relações de dialética entre autor/ texto/ leitor/ contexto, sendo estas relações o que favorece a um conjunto de questionamentos a respeito da relação texto-leitor, e que nos leva a refletir sobre transformações individuais e sociais, historicamente marcadas, que a palavra literária pode afetar a maneira de pensar e de sentir dos homens.

Este texto traz como problemática os seguintes questionamentos: Como o leitor interfere na construção literária do autor? De que forma os leitores virtuais recebem o texto? Como o leitor divulga o texto? Que relações o leitor estabelece com o texto?

## A leitura e a obra

A leitura acontece pela atribuição de sentidos, por parte do leitor, pela significação criada na interação entre este e o texto. É um diálogo de sentidos que cria o espaço propício para a construção de múltiplos entendimentos. Parafraseando Riobaldo, protagonista do romance **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa (1993), ler pode ser um negócio muito perigoso, já que existe um tipo de *coerção* do texto sobre a vida e a forma de pensar do leitor, o que, por sua vez, define a influência social da obra, ocasionando um embate de ideias, que se abre para outras formas de pensamento e convergem para a mudança de atitude. A leitura carrega consigo a possibilidade de provocar a transformação dos sujeitos.

Eliane Marquez<sup>1</sup> afirma que

O texto não é uma unidade fechada, mas um trabalho linguístico e discursivo, processado por um enunciador, num jogo que envolve escolhas, negociações de sentido e reelaborações. Desse modo, o ato de redigir um texto faz com que o autor deixe marcas discursivas inscritas em sua materialidade, a serem interpretadas pelo *outro* leitor.

Por outro lado, Darnton (1990, p. 159) diz que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura”. A leitura abrange uma grande variedade de questões relacionadas ao sentido e significado, pois esta não é totalmente estanque, e essa variação entre culturas faz com que um mesmo termo tenha ou possa ter vários sentidos, os quais são escolhidos de acordo com o contexto.

Dependendo da cultura, da localidade, da ideologia, dos sujeitos em questão, aquele texto pode ter várias interpretações, e esta prática de leitura é o que permite relacionar o que é dito aqui ou em outro lugar, ou que seja dito desta forma e não de outro modo, a fim de colocar à disposição do leitor o que mais lhe atrai, de modo que consiga alcançar seus valores, decifrando os livros e extraíndo um significado deles. Este é um jogo de interações, capaz de proporcionar outras visões e comportamentos, visto que o leitor não é um ser estático e passivo, ele interage com o texto, atribuindo novos sentidos ao que foi produzido, e contribui para a ressignificação da obra, na medida em que serve de coprodutor de sentidos.

O texto é um produto, e o autor, sujeito dessa produção; mas é diferente do livro. Chartier (1999, p. 45) destaca que, “para erigir-se como autor, escrever não é suficiente; é preciso

---

<sup>1</sup>[www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/ElianeMarquezDaFonsecaFernandes.pdf](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/ElianeMarquezDaFonsecaFernandes.pdf), acesso em 21/04/2014.

mais, fazer circular as suas próprias obras entre o público, por meio da impressão. Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados”. Esse entendimento corrobora a ideia de que a visibilidade do autor reside no fato de saber/poder circular seu texto na sociedade, é um aspecto essencial para a consolidação de sua obra e a consagração de seu nome.

Escrever não é o suficiente; há que se considerar o fato de que editores, tipógrafos, organizadores, distribuidores, livreiros, e principalmente os leitores são os que constroem a imagem sugerida ou apresentada pelo autor. São os “intermediários”, conceito utilizado por Bourdieu (1996, p. 86), que estão “entre o artístico e o econômico”; assim, para erigir-se o autor como papel previamente definido, é necessária a inclusão dos demais componentes desse circuito, para que cada um assimile sua função social, encontrando o equilíbrio, tornando o livro um objeto de produção, portanto de lucro.

Há que se perceber, nesse contexto, que o significado da obra abarca um conjunto de elementos como: a indústria livreira, o mercado consumidor, a crítica literária, os espaços de estudo e divulgação, dentre outros, que, isolados, não conseguem estabelecer os parâmetros para a construção da imagem do autor, dentro do ambiente da consagração. Este aspecto termina por endossar uma discussão política, pois o autor nem sempre dispõe de meios e oportunidades para ter sua obra contemplada por esse conjunto de elementos que a tornam visível; é preciso, então, criar alternativas, diante dessa impossibilidade de atingir seu público, por meio do impresso industrializado, recorrendo a outros caminhos, ao longo dos anos. Atualmente, o meio cuja disponibilidade encontra-se mais próxima do escritor sem recursos para alçar voos mais altos, é a rede mundial de computadores.

## CAPÍTULO I - CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO TEXTUAL

O que é ler? A provocativa indagação nos leva à reflexão de Frank Smith, psicolinguista inglês, em seu livro *Leitura Significativa* (1999), que é o ponto de partida para outras inquietações do fazer literário. Quem lê? O que lê? Onde lê? Quando lê? Costa (2013, p. 23) acrescenta outras questões, como:

Que elementos constituem um autor? O que torna possível uma obra? Como inscrever um autor e uma obra num determinado tempo e na posteridade? O que garante sua permanência na memória literária nacional e o que a faz submergir no oceano do esquecimento público e acadêmico?

Finalmente, apresentamos mais uma pergunta: como o leitor influencia na construção do autor? São tantos os “como” e os “porquês” que se esquivam de nós, e que, ao mesmo tempo, nos instigam a continuar buscando respostas! Como sabemos, ler não se trata de mera decodificação de um texto, mas de sua compreensão; a leitura acontece pela atribuição de sentidos, por parte do leitor, pela significação criada na interação entre este e o autor, através do texto, como afirma Gisele Francisco Antunes<sup>2</sup>. O leitor é tratado aqui como um indivíduo ativo, ainda que condicionado a critérios psíquicos próprios, a seu contexto e conhecimento prévio de mundo. Dessa forma, a construção de sentido é relacionada à leitura de mundo desse leitor, sabendo que ele está sujeito a extremos dinamismos, levando em consideração o “esquema imagético” que se cria em contato constante com a representação de mundo<sup>3</sup>.

O texto é constituído de efeitos de sentidos, produzidos pelo autor, que são constituídos a partir dos conhecimentos e experiências adquiridas ao longo da vida do leitor, a relação com o mundo e com o objeto, fazendo uso dos elementos linguísticos, de várias facetas para levar este a aceitar ou participar, a entrecruzar com o texto produzido. É um jogo em que se relacionam conceitos pertinentes à situação cultural e social de cada sujeito. É nesse contexto que se confirma a transformação individual e social, que ocorre através da obra literária, multisignificativa. O homem moderno enfrenta grandes dilemas a respeito de sua existência, seu comportamento e sua identidade, e o texto, muitas vezes, contribui para a recriação desse espaço simbólico, e faz com que o sujeito sinta necessidade de fazer parte dele.

---

<sup>2</sup> “Autor e leitor: dialogismo na construção da significação textual”, disponível em <alb.com.br/arquivo-morto/edições\_anteriores/anais16/sem11pdf/sm11ss12\_04.pdf>, acesso em 06/04/2014

<sup>3</sup> Cf. <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/semantica-cognitiva-conceito-e-fundamentacao-173058.html>, acesso em 25/04/2014.

A questão da identidade é bastante complexa, pois é na convergência de aspectos internos e externos que os indivíduos elaboram suas representações mentais sobre si e sobre a sociedade. Assim sendo, ela não é algo estanque, está sempre se recriando e ocasionando a reelaboração de conceitos, relacionada à recepção da obra artística que fez o leitor. O aprofundamento desta questão foge ao foco deste trabalho, razão por que fica reservado a outra oportunidade.

### **A reação do leitor à obra**

É importante pensarmos sobre a forma como o receptor recebe a mensagem contida nas obras literárias, como esta mensagem é interpretada e qual a influência que esta interpretação pode causar no indivíduo. É importante observar a reação do público à obra, se atende ou não à exigência dos expectadores, que a valorizarão ou não.

Mariana Andrade Gomes<sup>4</sup> afirma:

Nos atos de leitura, são possíveis diversas interpretações e atos de criação, por parte de seus receptores, que saem da postura passiva e adquirem a função de coautores da obra. Dessa forma, o sujeito da produção (autor) e o sujeito de recepção (leitor) são mediados pelo contexto social e cultural no qual estão inseridos.

O leitor assume uma postura ativa dentro do texto, na medida em que faz uso de seus significados sociais, para, a partir deles, dialogar com a obra. Para que essa interação aconteça, se faz necessária a compreensão do leitor, enquanto sujeito capaz de perceber o que leu, e confrontar o que entendeu com o que o autor porventura tenha querido dizer. Assim sendo, a significação da obra é o produto organizado pela análise e esta é sempre articulada com o entendimento que os sujeitos estabelecem com suas referências de mundo. Ela só é reconhecível após a segmentação e a comutação entre os termos, e dela só se pode apreender a significação por meio das relações que uma unidade discursiva estabelece com as outras. É a relação que agrega valor ao ato de interpretação, qualquer elemento de uma estrutura só vai adquirir significação se for relacionado a outras unidades do todo, como autor, texto, leitor e contexto.

Certeau (1994, p. 259) afirma que “o leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo. Robinson de uma ilha a descobrir, mas ‘possuído’ também por seu próprio carnaval, que introduz o múltiplo e a diferença no sistema escrito de uma sociedade e

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/25184/pdf>, acesso em 25/04/2014.

de um texto”. É um entendimento que constrói toda uma mediação entre o significado do texto e o significado dado pelo leitor, ambos agentes sociais e passíveis de transformações. Ao tomar parte de um texto, o indivíduo leitor se apropria do discurso do autor, e, assim, reconfigura seu pensamento, abstraindo valores e até mesmo discordando do que lhe é apresentado. É essa relação, nem sempre amistosa, que garante a continuação da arte, introduzindo a diferença e abarcando novos conceitos e mediações.

Embora a relação leitura e literatura seja bastante evidente, o campo dos estudos literários só passou a tematizá-la a partir das primeiras décadas do séc. XX (ZAPONE, 2004). Segundo Eagleton (2001, p.102), pode-se periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: a primeira como sendo a que se preocupa com o autor, visto que nas últimas décadas sua relevância tem se esvaído, tanto por parte de quem o edita, quanto por parte de quem o lê; a segunda é a fase que se preocupa com o texto, apontando para a mudança de seu significado e erigindo novos conceitos para seus sentidos, elegendo-o como porta voz das intenções do falante; por último a evidenciação do leitor enquanto peça fundamental no processo de ressignificação e valorização do texto.

Dentro dos estudos literários, o trabalho de Hans Robert Jauss, nos anos 1960 e décadas seguintes, na Alemanha e nos Estados Unidos, coloca o leitor e a leitura como aspectos essenciais dos estudos em literatura. A história da literatura, dentro da perspectiva de Jauss (1999), congrega a historicidade das obras e as qualidades estéticas, confluindo para o entendimento de que se torna necessária uma abordagem que privilegie todo o contexto da criação, para, a partir daí, compreender o impacto causado no leitor. É uma proposta que prima pela interação e descortina a necessidade de incluir o leitor no contexto da elaboração dos fatores que elegem a importância de uma obra. Seus estudos levam em consideração o processo de construção da experiência que o leitor tem e divide com o texto; são aspectos que convergem para a consolidação da literatura enquanto prática social, carregada de significados e apta a desvelar um sentido real e coletivo da vivência dos sujeitos.

É difícil especificar a maneira como um determinado leitor interage com a obra literária com a qual ele entra em contato. Há um sentido recepional do texto literário em que se pode dizer, obviamente sem dogmatismos absolutizantes, que o leitor é dotado de certa soberania na forma como o decodifica e lhe atribui sentidos. Estamos, aqui, no território de uma espécie de poética do leitor, o jeito peculiaríssimo como convive com a obra e lhe confere respostas. É impossível definir como cada leitor reage diante de cada texto. Há leitores e

leitores. Assim como há uma gama incontornável de autores e estilos diferentes. Mas podemos afirmar que o leitor, de alguma forma, influencia para a concepção criadora do autor na medida em que reage explicitamente aos seus textos, direcionando o escritor (ou ao menos fazendo-o refletir sobre isso) nas escolhas estilísticas que farão mais facilmente aceito entre seu público. Essa reação, quando se dá imediatamente, no calor da leitura, reveste-se de mais intensidade, emoção, mesmo comoção – esse tipo de reação só se faz possível quando o texto está num suporte que permita a resposta imediata, como na *internet*, espaço partilhado por escritores e leitores, ambos com possibilidade de interação.

## CAPÍTULO II - JOSÉ VALDECY NABUDE SANTOS: BREVE PERFIL



Figura 1 - Poema escrito para José Valdecy Nabude Santos, por Walter Mendonça, jornalista e poeta, falecido em setembro de 1992, em Campina Grande.

O nosso interesse é rastrear algumas reações à produção literária de escritores que se propõem a fazer da rede mundial de computadores o suporte para publicação de suas obras, buscando refletir sobre as contribuições dos leitores que possam ser significativas na visibilização e divulgação desses autores, os quais, por razões as mais distintas, acham-se afastados de um cânone convencional de autores publicados.

Antes, porém, apresentemos um desses autores: José Valdecy Luthier Brayda Nabude Nabude Santos, ou apenas José Valdecy Nabude, é um poeta e teatrólogo, que estreou na literatura nos anos de 1980, na cidade de Campina Grande-PB. Nascido em 19 de dezembro de 1963, na fazenda Malhada, do município de Monteiro-PB, filho primogênito de Ignácio Alves Nabude (de descendência árabe) e Josefina Maria Santos Nabude (brasileira da Paraíba), teve apenas uma irmã, chamada Lindacy Nabude Lira Santos. Sua infância foi marcada por acontecimentos que deixaram cicatrizes para toda uma vida, tendo passado por muitas dificuldades financeiras, com sua família, sem muitas oportunidades efetivas de crescimento intelectual, vivendo em meio a bonanças e tempestades, agonia e alento, enfrentando a fome, a barriga vazia, sem tino; entretanto resistiu e superou vários obstáculos, como registrado no poema que conta sua infância, “Retrato Escrito” (Figura 2).



Figura 2 – Poema de José Valdecy Nabude Santos “Retrato Escrito”

Aos dez anos de idade, mudou-se para Campina Grande (PB), morando no Bairro da Prata, na Rua Marechal Deodoro, sem noção do que seria trabalhar pensamento ou seguimento poético, não sonhava ainda com o futuro literário, mesmo convivendo com parentes repentistas, gênero literário que, aliás, não lhe chamava a atenção.

Foi através do exercício da leitura que despertou, na adolescência, o interesse pela poesia; nessa nova perspectiva social, surgiu em Nabude o despertar para paixões. Por volta dos quinze anos, rabiscou seu primeiro texto, com a finalidade de conquistar uma garota; foi seu primeiro poema:

### **Pessoalmente**

Faz tempo que gosto de você

Faz tempo que ando Desarmado  
Nos meus desertos  
Por você.

Faz tempo que saí de mim  
Que me joguei,  
Que me julguei,  
Que me perdi pra você.

Faz tempo que eu não sou  
Eu **pessoalmente**  
Sou você.

Tímido, decidiu fazer teatro, numa época em que as transformações econômicas e sociais fizeram surgir um grupo cada vez maior de indivíduos que ansiavam por adquirir mais e mais conhecimentos, com o objetivo de inculcar novidades na maneira de ser e pensar do homem. Dentro desse contexto, a linguagem desempenha um significativo elemento do sistema de construção de sentido, na medida em que constrói e molda as relações de significado entre

o pensamento e os objetos construídos pelo mundo real. A convivência no teatro transformou-se em inspiração e foi matéria para muitos de seus poemas.

Eis um texto em que o autor evidencia a simulação do seu desejo, do seu sentimento, da realização física de um envolvimento emocional. É a efetivação do espírito teatral de Nabude, num determinado momento de sua vida, transportado para a “vida real” do poema:

### Faz de conta

Eu nego nesse instante;  
Faz de conta.  
O que falei não escreva no diário,  
Nem conte pra ninguém o que fiz.  
Me escondo das paredes do que faço.

Outro dia  
Você disse que deixei o meu corpo  
Pra você na sua casa.  
Hoje em dia  
Tenho medo que você possa dizer  
Que deixei a minha alma.

A partir daí, a literatura começou a fazer parte da sua vida, neste ensaio de se apaixonar e fazer teatro, representando poemas e monólogos de Augusto dos Anjos, “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, sob a direção do teatrólogo, radialista e diretor Wilson Moux, e “Quem sabe ele vem” (peça teatral em que Valdecy dividiu o palco com o ator e diretor Álvaro Fernandes); encontrava-se, assim, como representante do seu eu, em cima de um palco.

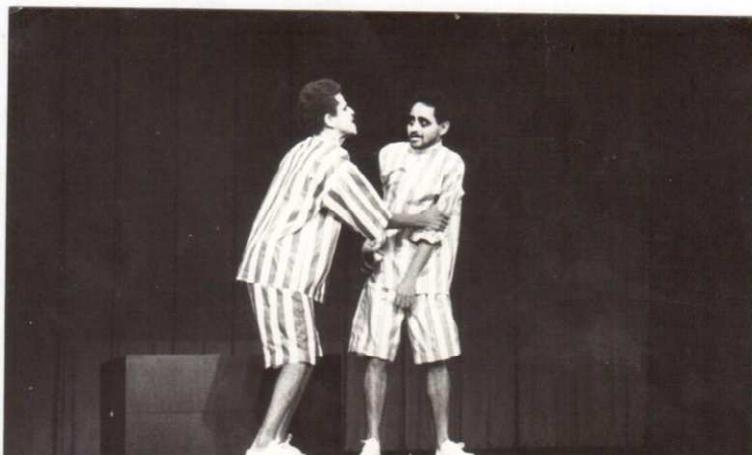


Figura 3 - Peça teatral “Quem sabe ele vem”; Valdecy Nabude e Álvaro Fernandes.

Toda a sua juventude circula entre a poesia e o teatro, lendo escritores como Jean Genet (1910-1986), Machado de Assis (1839-1908), Euclides da Cunha (1866-1909), Florbela Espanca (1894-1930). Buscou se compreender através do teatro, da literatura, da poesia e do contexto histórico social, e, assim, contribuir para que indivíduos encontrassem, eles também, suas identidades.

No teatro, Nabude exercitou sua vocação artística no campo da encenação, e na litera-

tura através da poesia, escrevendo vários poemas e os interpretando em festivais, congressos, saraus poéticos, viajando para várias partes do Brasil. Além de autor e ator, estreou seu programa de rádio no final da década de 1980, “Arte em Destaque”, apresentado no Teatro Municipal Severino Cabral, divulgando a cultura popular, versando sobre poesia, dança e música (Figura 4).

Sob a influência do movimento e da revista *Garatuja*, entre as décadas de 1960 e 1970, em Campina Grande, surgiram-se outros movimentos literários, a exemplo da Associação de Poetas Escritores Campinenses, na década de 80, da qual Nabude foi um dos presidentes. Publicou, em 1984, seu primeiro livro, “Perigoso ser”.

Não conseguindo sobreviver como escritor, Nabude tornou-se Psicólogo, formado pela Universidade Estadual da Paraíba. Segundo o autor, em entrevista a nós concedida, para a confecção destas notas, realizada em Campina Grande, em 14 agosto de 2014, foi como Psicólogo que se realizou, vendo a vida como uma grande peça teatral, tratando do drama afetivo dos seus pacientes, como se fossem atores encenando os seus sintomas, e se vendo como um diretor, que conduz esses sintomas, proporcionando uma posição mais confortável, para eliminar aquele sofrimento, sanar sua angústia. Cria poemas também vivenciando os sintomas humanos, conflitos psicológicos, mostrando que o ontem é importantíssimo, mas é muito mais interessante trazer o ontem para o hoje, como uma história contada para elaborar uma resposta de como viver melhor o amanhã.



Figura 4 - Programa de rádio “Arte em Destaque”, entrevistando o radialista, teatrólogo e diretor Wilson Moux

Nas suas obras, utiliza-se da poesia em estilo romântico, mas também de cunho existencialista, por vezes queixando-se de sentimentos humanos; outras representam o psicólogo falando de aspectos psicológicos, falando dos sintomas, numa transposição de mundos – do terapêutico para o literário:

Quem anda

Olhando para traz,  
Tem o ontem  
Como resposta.

Trabalhando as emoções que não estão bem elaboradas, o homem moderno enfrenta grandes dilemas a respeito de sua existência, seu comportamento e sua identidade, e a sociedade contribui para reforçar essa problemática, na medida em que recria um espaço simbólico, e faz com que o sujeito sinta necessidade de fazer parte dele, sem saber o porquê de estar agindo daquela forma, sentindo-se perdido. O poeta busca respostas para questões mal resolvidas: “No dia fragmento minha vida... / Na noite tento juntar os pedaços...” (“Rosário”).

Mesmo atuando como psicólogo, não deixou de escrever, e sempre publica poemas e textos na rede social Facebook, o que, de certa forma, aproxima o poeta do leitor, e favorece o contato do leitor com a fala e com o corpo do poeta. Essa aproximação poeta-leitor trouxe-lhe uma grande procura, uma vez que o público comenta o poema, e o autor responde ao comentário, estabelecendo-se a desejada interação leitor-autor.

Na entrevista a que aludimos acima, o escritor disse que se define através do poema “Espalhafato”:

Entre as quatro paredes do meu quarto,  
Encontra-se um espalhafato  
Mofado  
E clandestino  
De carinho sem afeto, onde tento  
E não consigo unir os trapos  
Das lembranças separadas das saudades.

No meu quarto habito  
E crio meus bichos,  
Quando apago a luz,  
Somos bem mais íntimos.  
Gosto do perigo que me reside.  
Não gosto do desprezo que me assiste,  
Como adormecer par  
E acordar ímpar.

A angústia, que parece ser uma constante no ser humano, também compõe os versos deste poema, cujo autor afirma, explicitamente, ser “o que mais se parece” com ele. E explica:

Quem escreve é meio lunático, tem umas neuroses; eu, por exemplo, não gosto de dividir cama com ninguém, e acho que o ser humano não precisa fechar laços, ele precisa fazer laços. Abraçar não é dar nó, e nem dois se tornam um, você se torna par, você sai da posição de ímpar para posição de par, mas de vez enquanto é necessário voltar para os seus significados de ímpar. Acredito que traçar letras, para formar palavras e sangrar sentimentos é o ato mais humano que eu conheço.

Uma análise exaustiva sobre a preferência do autor em relação ao poema “Espalhafato”, provavelmente, revelaria uma profunda busca de autoconhecimento, o que conduz às relações interpessoais, que têm certa experiência formativa em sua vida, pois o convívio com o outro não apaga a existência do indivíduo, mas propicia a adequação das individualidades. Ao expressar que, nos momentos de intimidade consigo mesmo, mostra-se exagerado, talvez seja uma parte de sua personalidade que se revele entre quatro paredes, com situações do passado, ainda não resolvidas. É através das relações interpessoais e de muitos outros fatores, que se autoconhece, o que, para ele, é excitante, porém uma tarefa solitária. Assim, o poema é um dos mecanismos cognitivos primários para a compreensão do mundo, do seu mundo.

Nabude pretende, no início do ano de 2015, editar dois livros, o primeiro de poemas, com o título “Noite de Cão e gato no Cio”, com toda a sua produção poética, e o segundo, com temas de aspectos psicológicos, denominado “Cenas Psicodramáticas”. Além disso, está trabalhando na remontagem de um monólogo, com os poemas de Augusto dos Anjos, intitulado “Queixas Noturnas”, montado pela primeira vez em 1988.

## Lendo Nabude

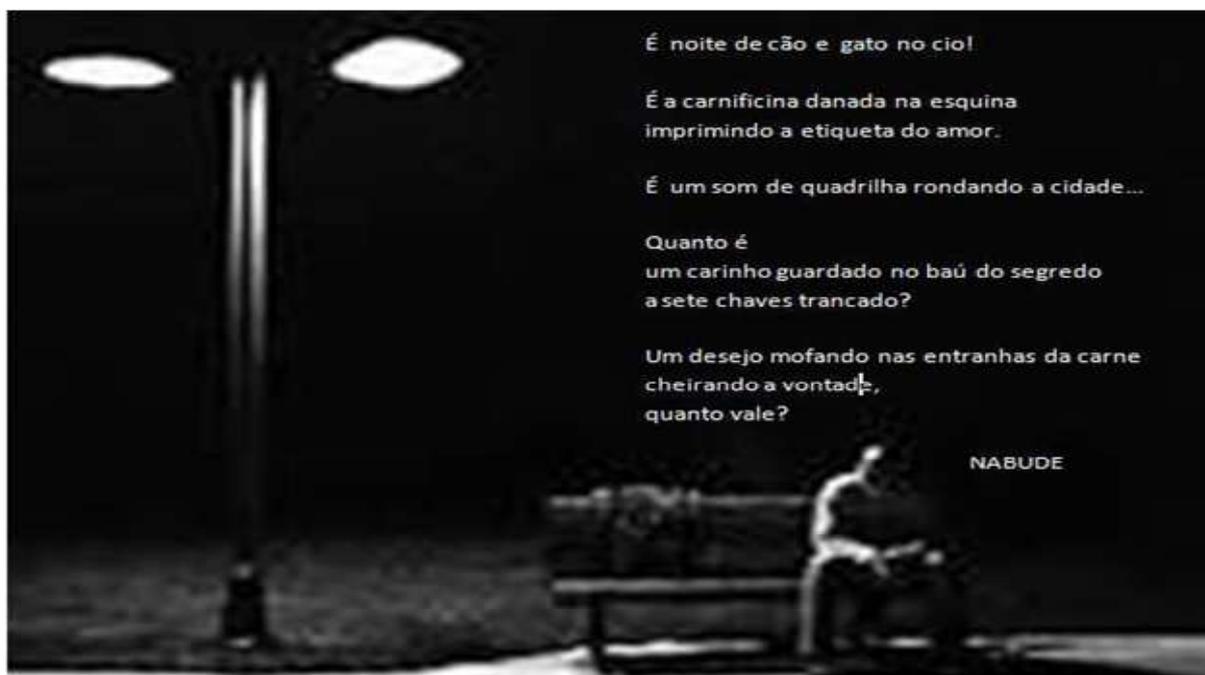


Figura 5 - Poema *É noite de cão e gato no cio*, escrito em 1987, tendo sido musicado pelo percussionista e psicólogo Eugênio Felipe.

Estamos inseridos em uma sociedade que cultua imagens, o que permite compreender

que elas têm papel significativo em nossas vidas, fomentam os nossos pensamentos e produzem efeitos de sentidos, que, muitas vezes, são utilizados como artifícios persuasivos para alcançar o olhar do leitor. Os poemas de Nabude, publicados na rede social, aparecem emoldurados por paisagens (provavelmente captadas da própria rede), que, embora, por vezes, acabem por *encobrir* o texto, procuram enfatizar, visualmente, a mensagem do escrito, numa evidente tentativa do autor em capturar a atenção do leitor, e direcioná-lo na interpretação do poema. As publicações no Facebook interferem diretamente ou indiretamente na vida das pessoas, ao ponto que muitos os comentam, curtem ou mesmo criam uma relação de amizade com o autor, tendo as imagens *capturado* o leitor, num suporte em que a figura é a grande isca para a leitura do texto.

Através do poema acima (Figura 5), é possível perceber elementos bastante significativos, no que diz respeito ao projeto gráfico e à intenção de mostrar a angústia do ser humano que se vê obrigado a cobrar por seu “carinho guardado no baú do segredo”. A presença das cores preta e branca, na imagem, demonstra o escuro da noite, que cria monstros e vultos, mas também a escuridão interior, igualmente produtora de fantasmas; é um poema que trata da solidão, em que o eu-lírico vive uma “noite de cão”, tentando sobreviver a seus medos e às trevas interiores, que parecem lhe engolir, como a escuridão da noite, diante da crucial pergunta, sem resposta satisfatória: “quanto vale?”.



Figura 6 - Poema *Nômade*

Numa época de resignificação de valores, nos anos de 1980, as pessoas começavam a se adaptar a uma sociedade diferente, com menos repressão, e, neste momento, preconceitos e tabus eram quebrados, inclusive no que se convencionou chamar “vida social”. A sociedade passava por transformações e construções de novas identidades, processo que acabou por

ratificar estereótipos de atitudes, comportamentos e interesses, antes trancafiados no secreto

recôndito das pessoas, e que, aos poucos, começava a se expor, como se percebe no poema “Nômade” (Figura 6), em que o uso do desejo carnal traz respostas às perguntas silenciadas há muito tempo, criando a oportunidade e o encorajamento de falar sobre temas relacionados ao erotismo, ao pecado, ao desejo; observamos a presença intensa da imagem, carregada de símbolos eróticos, seja nas chamas crepitando, seja nas **duas** taças de vinho já um pouco bebidas, e abandonadas. O próprio corpo do poema se caracteriza como uma taça. A conjugação de elementos como imagem, cor e luz contribui para a formação das relações de sentido, uma vez que a significação não se dá de forma isolada, apenas no texto ou apenas na imagem, mas em conjunto, na relação dos elementos que compõem todo o quadro poético.

É um poema, um meio de comunicação, capaz de persuadir o público leitor-espectador, a partir de suas múltiplas imagens visoverbais, a produzir diferentes versões de entendimento de mundo, de convicções, de desejos e sentimentos. O leitor, valendo-se de comportamentos, normas, valores e ideias existentes dentro da sociedade em que vive e da qual depende, tende a manter o estado atual das coisas inerentes aos sentimentos, apáticas e inertes, reforçando assim, o comportamento estabelecido socialmente, ainda que, interiormente, consuma-se em vontade de agir de forma diferente. Mas o incisivo discurso do poema pode gerar alterações de comportamentos e de hábitos, dando início a posturas inusitadas, ou seja, o poeta, através do seu texto, provoca e prevê alterações nas relações dos indivíduos, consigo mesmos e entre si, sem, necessariamente, ter pretensão de promover tais alterações. O texto se manifesta sempre em uma diversidade de temas e de realidades, o que é importante tanto para a produção quanto para a compreensão, no que diz respeito a sua literariedade.

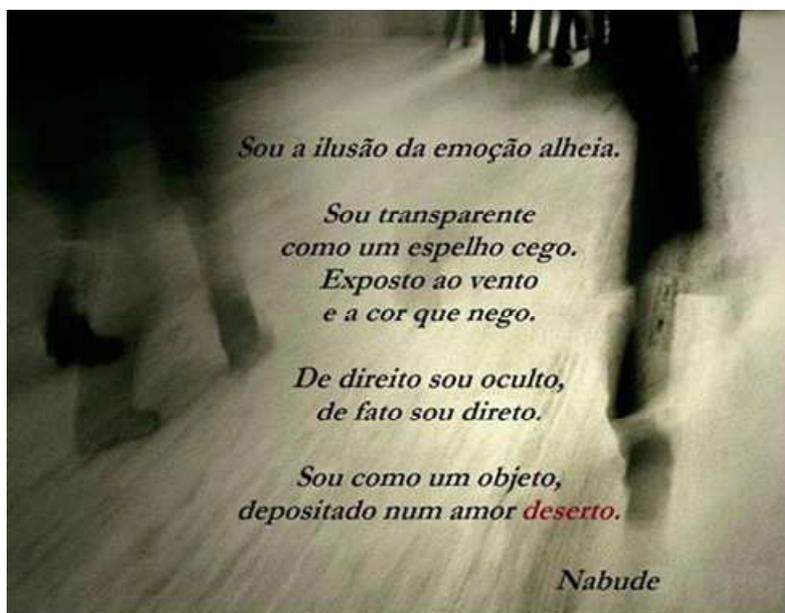


Figura 7 – Poema “Deserto”

O autor de um texto elabora-o idealizando um público-alvo, valendo-se da observação de comportamentos, normas, valores e ideias existentes dentro da sociedade, tendo como objetivo provocar reflexões e/ou transformações nos leitores. O poema “Deserto” (Figura 7),

premiado com o primeiro lugar no 8º Concurso de Poesia sobre Sentimento de Solidão, em Brasília-DF (21/11/2014), evidencia a solidão, a ausência como elementos que podem provocar tais reflexões e transformações, no leitor, que se identificará com as imagens sugeridas pelo autor, tanto a visual (sugerindo o esfarelar-se da condição humana), quanto a verbal (evidenciando o desmanchar-se como de areia ao vento).

Na entrevista que nos foi concedida em agosto de 2014, Nabude afirma que, desde o “Retrato Escrito”, e ao longo de toda sua criação, cada texto seu é como se fosse um retrato (fotografia íntima que tira de momentos pessoais). De modo que não há poemas, de acordo com o autor, sem que a vida, os momentos estejam inseridos neles, isto é, na produção da sua poesia e na leitura individual e silenciosa, encontram-se casos intrínsecos de seu ser, como nos afirma o próprio poeta, no seguinte verso: “Fui pego publicamente praticando bigamia, casei-me com a psicologia e vivo um caso de amor com a poesia.”

### CAPÍTULO III – A RECEPTIVIDADE VIRTUAL DOS POEMAS DE NABUDE

Com o objetivo de captar alguns flagrantes de reações do público-leitor de Valdecy Nabude, nas redes sociais, especificamente o *Facebook*, onde o autor publica seus textos, realizamos algumas incursões em seu perfil, ao mesmo tempo em que nos comunicamos com alguns desses leitores, que sempre comentam ou curtem seus poemas, escolhidos aleatoriamente. Das opiniões angariadas, podemos identificar pontos que merecem algumas reflexões. Para tanto, selecionamos alguns desses depoimentos, seguindo, igualmente, o critério do acaso, para serem brevemente comentados, no que se refere à atribuição de significados e sentidos, e a possível influência que os poemas de Nabude podem causar no leitor. Ao final, tentaremos avaliar a possibilidade de esses leitores funcionarem como divulgadores e propagadores da obra nabudeana, através da própria rede social ou fora dela.

As citações a seguir são impressões de leitores da rede social *Facebook*, após a leitura dos textos poéticos postados, e que não têm uma maior aproximação com o autor, a não ser através dos poemas publicados ou de trocas de depoimentos. Foram escolhidos depoimentos aleatórios referentes aos poemas “As vezes não convém”, “Vazio existencial se preenche” e “Meu verso”, publicados em 2014, mostrando o seu amadurecimento psicológico.



Figura 8 – Poema “Às vezes não convém”

Sobre o poema “Às vezes não convém” (Figura 8), destacamos a impressão de Aurélio Filgueiras, ressaltando a composição harmoniosa da imagem com o texto: “Que momento mágico essa foto, em harmonia com o poema. Mandou bem!”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=680590082039609&set=a.405797272852226.1073741826.100002658719051&type=3&theater>, acesso em 09/12/2014



Figura 9 – “Vazio existencial se preenche”

Abraços meu amigo!”

Com relação ao poema “Meu verso” (Figura 10), os depoimentos<sup>8</sup> se mostraram em maior quantidade e mais emotivos, como podemos perceber nessa seleção aleatória: “Isso é fantástico, por isso é que eu admiro o poeta!” (Helvia Callou); ADOREI VAMOS PUBLICAR UM LIVRO ?? (Maria Oliveira) – reparemos na utilização de letras em caixa alta, a denotar a emoção e ênfase da mensagem; “Harmonicamente perfeito” (Giovanni Montini); “Permite que eu compartilhe?” (Gisa Lucena) – mais um leitor que se coloca como eventual divulgador do texto, através do recurso do compartilhamento; “Sempre você poeta, a poesia transborda em seus poros e invade a nossa sublime admiração. Parabéns!” (José Gonçalves da Silva); “Que lindos versos! isso nos enriquece de ternura!” (Lourdinha Oliveira); “Sem comentários. És meu poeta favori-



Figura 10 – “Meu verso”

<sup>6</sup> Disponível em

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=683493548415929&set=a.405797272852226.1073741826.100002658719051&type=3&theater>, acesso em 09/12/2014.

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> Disponíveis em

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=669603616471589&set=a.405797272852226.1073741826.100002658719051&type=3&theater>, acesso em 09/12/2014.

to!” (Josemir Brayner) – mesmo “sem comentários” a fazer, não se conteve.

Percebemos nos depoimentos dos leitores os efeitos das publicações de Nabude; os contextos fazem com que este leitor se reconheça nos espaços, deixando-se seduzir pelo conjunto texto-imagem, atribuem significados próprios aos poemas, identificando-se, assim, com eles. Somente aquele que “estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo geral e das convenções literárias em particular” (EAGLETON, 2001, p.105), estabelecerá imediata analogia dos poemas de Nabude a passagens da própria vida, dando-lhes sentidos sem necessariamente conhecer o autor. O sentido não é apenas o que dizem as palavras, ele é, antes de qualquer coisa, uma direção, que o leitor só seguirá/tomará se se *contextualizar* no poema, com suas múltiplas imagens visuais, retiradas da foto mas também arrancadas ao escrito.

Nos depoimentos coletados, podemos perceber referências explícitas dos leitores ao *mergulho* proporcionado pelos poemas de Nabude e o quanto isso faz resultar na completa identificação do leitor com o texto. O elogio à harmonia entre imagem e texto e à própria capacidade poética do autor são os temas das outras duas postagens. Aqui não importa a abalizada opinião do leitor, baseada em teorias e linhas críticas, mas o que de fato o tocou, na postagem do poeta, no momento mesmo em que com ela entrou em contato. Trata-se do mais nítido *feedback* do leitor, que, no final das contas, é o que promoverá a circulação do texto e, conseqüentemente, o conhecimento do poeta nos meios internéticos.

Buscando mais especificidade nas impressões dos leitores, resolvemos entrar em contato com alguns deles, escolhidos também aleatoriamente, e enviamos, pela rede social *Facebook*, o questionamento sobre o que os poemas de Nabude provocam neles. Os próximos depoimentos são algumas das respostas recebidas dos internautas:

“Para mim os poemas de Nabude são intensos, instigantes, fortes. Causam-me divagações e, em outros momentos, me atingem nos vazios querendo achar lugar...” (Adília Uchôa, em 23/8/2014, às 18:03);

“Gosto muito dos escritos de Nabude, pois ele consegue em frases curtas dizer muito sobre os dilemas da alma humana, amores, paixões, sentimentos, angústias enfrentadas no cotidiano, de uma forma tocante envolvente e reflexiva. Segundo ele, são poemas inspirados nas conversas com os seus pacientes, por isso brinco em dizer que irei reivindicar os meus direitos autorais.” (Leitor preferiu não se identificar; em 21/9/2014, às 13:45);

“Quem sou eu pra comentar? Esse cara é o máximo! Mas tenho algo a dizer: ele é meu psicólogo, quem sabe eu ainda seja um garotinho... e possa aprender.” (Carlindo Cavalcante Costa, em 21/11/2014, às 20:33)

“Esse homem, além de um excelente profissional, arrasa nas artes! Parabéns, nobre amigo!” (Pedro Saulo Bezerra de Mello, em 30/10/2014, às 13:58)

Os leitores acima, ao que parece, espontaneamente ou instigados por questionamentos, desmancham-se em elogios ao poeta, evidenciando a transformação que seus textos promovem dentro de si. Notamos que alguns são mais que simples leitores, mas pacientes do psicólogo Nabude, o que, naturalmente, faz surgir um depoimento um tanto diferenciado dos demais, pela intimidade que guardam entre si.

Entretanto, é nítida a reação provocada pela poesia de Nabude, em seus leitores, pacientes ou não de terapia do psicólogo. Aliás, os próprios poemas, enfáticos e enfeixados por imagens fortes e contundentes, promovem um choque interior análogo ao provocado pelo tratamento psicológico, o que nos leva a conjecturar uma possível relação terapêutica em sua poesia – o que, naturalmente, extrapola aos objetivos deste trabalho, mas que pode vir a ser objeto de futuras análises.

### **Circulação da poesia**

Finalmente, dirigimo-nos aos leitores virtuais de Nabude, sempre de forma aleatória, para indagar-lhe sobre o comportamento assumido por eles, após a leitura do texto, e a consequente postagem (ou não) do depoimento ao autor. Na verdade, interessava-nos investigar se essas reações provocadas nos leitores teriam como se reverter em divulgação do poeta, através de instrumentos fornecidos pelo próprio *Facebook*, como “compartilhamento”, que permite a leitura por um número maior de contatos de quem compartilha, ou mesmo pela postagem própria do poema, no perfil do leitor.

Tais comportamentos dos leitores evidenciam a possibilidade de o autor fazer circular sua poesia através de um universo virtual cada vez mais amplo, fazer-se lido por um número cada maior de internautas, numa proporção geométrica, que ele jamais conseguiria através dos meios convencionais de publicação impressa e venda em livrarias. Por outro lado, não há um retorno financeiro em tal difusão dos textos, a não ser que atividades posteriores aconteçam, com esse intuito.

Leiamos as respostas dos leitores, a quem perguntamos sobre o comportamento deles para com os textos, após a leitura.

“Já compartilhei alguns poemas e sugeri para algumas pessoas, inclusive já postei na minha timeline, porque os poemas são inspiradores e reflexivos. Nabude toca na alma, na ferida, no nosso ser.” (**Valdete Pimentel**, em 09/12/2014, às 23:12);

“Sempre recomendarei os poemas dele pra todo mundo. Vejo os poemas de Valdecy intensos, de uma visão emocional profunda. Além de serem a cara do que vivemos, sentimos... e falam também do que nos falta e desejamos tanto... Os poemas dele são alimento. Trazem uma espécie de conforto e inquietação que sustenta o que não se tem... “(**Adília Uchôa**, em 09/12/2014, às 20:39);

“Sempre achei a poesia de Nabude filosóficas, as quais eu sugeriria para reflexão da nossa vida cotidiana. (**Helvia Callou**, em 09/12/2014, às 19:30);

“O recomendaria. Porque acredito que o trabalho dele, como poeta, mexe com a sensibilidade e provoca reflexões. Além, é claro, de serem ótimos poemas. Ele tem um jogo e uma construção de palavras que encanta.” (**Alvaro Fernandes**, em 09/12/2014, às 18:39);

“Sim, compartilho alguns poemas dele, porque gosto, acho eles bem realistas, têm a ver com o nosso cotidiano, sentimentos, relações interpessoais.” (**Josiana Bezerra**, em 09/12/2014, às 18:28).

O espaço midiático fornecido pelas redes sociais funciona como um discurso que é realizado por meio de outros, constituindo, assim, certa intertextualidade. Por esse motivo, os poemas publicados são trabalhados juntamente com imagens a eles sobrepostos (ou vice-versa), que funcionam como enunciados pictóricos, e remetem a sentidos já tidos anteriormente em outro lugar e outra época. Os textos e as imagens dialogam entre si, sendo possível afirmar que a significação é o produto da articulação através do entendimento que os sujeitos estabelecem com suas referências de mundo. Daí a necessidade de fazer circular tais mensagens, na esperança de que mais e mais pessoas possam também se identificar.

Essas experiências compartilhadas, manifestadas num processo de produção e recepção diverso, pautado na maneira fácil, rápida e abrangente que Nabude encontrou de divulgar sua obra, culminaram na facilidade de retorno, por parte dos leitores. O surgimento dessa nova modalidade de comunicação – a *internet* – permite atividades contínuas de leitura, escrita e reescrita, que incluem desde postagens em redes de relacionamentos até breves comentários ou um sinal de que leu a referida postagem (“Curtir”). Essa comunicação acontece de forma

espontânea, que acaba por intercambiar o leitor ao escritor que postou seu poema na rede; se antes havia uma maior dificuldade em o leitor ter acesso à obra, agora ele a alcança o mais rápido possível, como em um passe de mágica, sendo-lhe oferecida oportunidade de resposta quase que instantânea, através do comentário.

O grande impacto dos leitores na rede torna não só a obra de Nabude conhecida, como também ele mesmo, fazendo-o ressurgir da penumbra, ocupando um espaço artístico literário, uma visibilidade. É de suma importância, pois, o meio digital, para divulgação de sua obra, que lhe proporcionam a possibilidade de participar dos eventos culturais que atualmente tem participado, e de manter um contato intenso com os leitores de seus poemas, via *Facebook*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade do leitor é o começo para a possibilidade de circulação da obra literária. Os sujeitos sociais estão em constantes mudanças e presenciam permanentemente as transformações do mundo ao seu redor. Assim sendo, é interessante observar a leitura como uma atividade de construção de sentido, que implica a relação dinâmica entre autor e leitor, afetando a maneira de pensar dos homens. De tal modo, é interessante pensar sobre fatores que impedem uma maior visibilização de autores, buscando refletir sobre as contribuições que possam ser significativas para que sejam enxergados, mesmo encontrando-se à margem do cânone literário tradicionalmente composto por autores que têm obras publicadas em livros, autores eternamente consagrados.

A impossibilidade de sobrevivência de autores não-consagrados nessa *selva* editorial leva-os a buscar alternativas de visibilidade as mais diversas. A forma que tem dado resultados imediatos e alentadores é a utilização da internet, através das redes sociais, notadamente do *Facebook*, para a divulgação de sua obra literária. Os recursos proporcionados pela informática tornam os textos mais atrativos, com imagens, movimento e música, para compensar a multidão de autores que se utilizam desse meio de comunicação, pela facilidade que ela traz – o sobressair-se está diretamente ligado à criatividade do artista.

A construção do sentido vai além da decodificação dos signos linguísticos, está ligada à abstração que os sujeitos atrelam ao seu modo de perceber o mundo à sua volta, de como ele recebe o texto – é nesse sentido que ocorre a mudança de estado de um sujeito em relação ao produto. Através da possibilidade de emergir um novo significado para o texto, dependendo da posição de envolvimento do leitor, da sua capacidade de dialogar com o texto e da concepção que o indivíduo cria da realidade, é que o sentido vai encontrar ecos para sua significação.

Foi este o caminho escolhido pelo poeta paraibano José Valdecy Nabude para se fazer lido para além de seus próprios espaços, de uma forma rápida e que proporciona imediato *feedback*, através dos depoimentos, *curtidas* e compartilhamentos dos textos por ele postados. Desta forma, ele vai se tornando mais e mais conhecido, propiciando até futuras publicações convencionais, como as que pretende tornar realidade em 2015.

Nabude mostra, através do teatro ou literatura, através de seus monólogos ou de seus poemas, que sempre há um novo caminho a ser trilhado, um caminho provocador de mudan-

ças, que vai desde a tomada das decisões às incertezas relacionadas à escolha de uma nova modalidade, caminho este que, partindo dos textos lidos, o leitor poderá construir, sendo o seu melhor autor ou ator, e tendo seu maior escândalo, como pudemos constatar nos depoimentos de alguns dos leitores, aqui expostos, e como o próprio poeta Nabude diz:

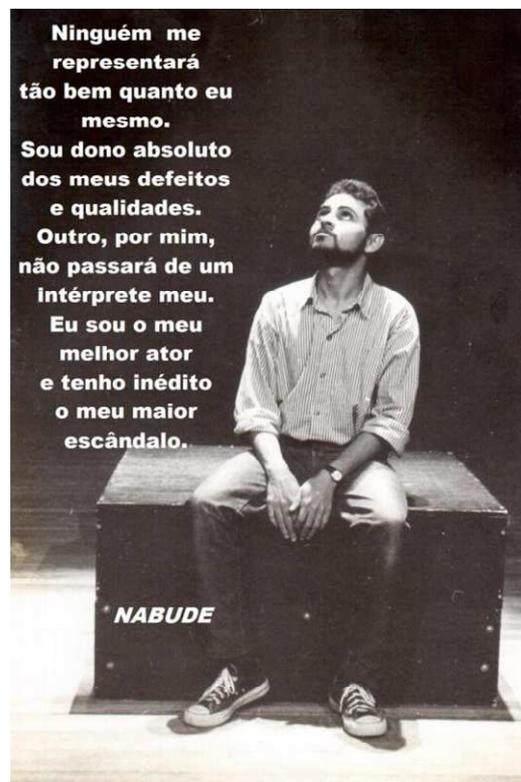


Figura 11 – Mensagem de Nabude

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp,

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) / Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa-PB, 2013, 294 p. (inédito)

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Cleudemir Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos-SP: Claraluz, 2007.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. Trad. de Cláudia Shilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Estética da Recepção**. IV: BONNICI Thomas; ZOLIN Lucia Osana (orgs). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá-PR: UEM, 2004.